

## A psique está tanto fora como dentro

Não devemos, entretanto, esquecer que a psique não é exatamente coexistente com a subjetividade. Escreve Jung:

A psique, que tendemos a tomar como um fato subjetivo, é na realidade um fato que se expande para fora de nós, para fora do tempo, para fora do espaço, como os sonhos das crianças que constituem um sumário daquilo que será o problema de suas vidas... Nossa psique pode funcionar como se o espaço não existisse. A psique pode, assim, ser independente do espaço, do tempo e da causalidade...

O arquétipo está fora de mim, assim como em mim. O arquétipo psicóide assemelha-se apenas à psique: os animais, as plantas, o vento comportam-se como nós.<sup>8</sup>

É o que nos faz sentir em união com o universo — a psique não está apenas dentro de nós, está igualmente fora; na verdade, ela permeia o cosmos. Por intermédio da psique estamos capacitados a sentir afinidade com os animais, com as plantas e até mesmo com o vento e os astros — não apenas porque o imaginamos mas porque somos de fato da mesma substância que eles.

## Somos mais do que aquilo que a nossa infância fez de nós

Na nova dispensação, com o Espírito Santo habitando entre nós, ficará afastada a doutrina segundo a qual o nosso destino é, em grande parte, determinado pelos cinco primeiros anos da vida e reconhecer-se-á o fato de que, com a ajuda de Deus, temos como começar a mudar a nossa vida a qualquer momento.

Os fatos de nossa infância não podem ser mudados mas, dependendo daquilo que fazemos de nós mesmos, esses fatos estão sujeitos a diferentes interpretações, e tudo depende da interpretação. O que é passado pode, na verdade, ser alterado. Afirmar o contrário é uma grande e prejudicial mentira. O passado parece diferente, é sentido de maneira diferente, é diferente, dependendo daquilo a que ele leva. A atitude extrovertida diria "O rumo tomado pela sua vida é determinado pela sua infância". Mas o contrário é igualmente verdadeiro — a visão que você tem da sua infância é determinada pelo que você veio a ser.

Sua infância foi infeliz? Que rumo tomou a sua vida? Você superou os seus pais em consciência e, desse modo, justificando-os? Nesse caso, a sua realização há de perdurar, pois deixou uma marca na psique de seus filhos e de seus netos; como está escrito, "até à terceira e quarta geração".<sup>9</sup>

A consciência é tão contagiosa quanto a inconsciência. Esta última é bem conhecida. Por exemplo, se um motorista de ônibus é mal-humorado e hostil, seu humor afetará quase todos com quem ele entra em contato. Num nível mais profundo, o mesmo ocorre numa família. Quando esse motorista vai para casa, seu mau humor afetará sua esposa ainda mais que aos seus passageiros. Ou talvez ele tivesse sido primeiro contaminado pela hostilidade inconsciente da esposa.

Num nível ainda mais profundo, as vidas não vividas dos pais afetam os filhos. Os aspectos nos quais o pai estiver profundamente irrealizado e inconsciente desse fato (as duas coisas geralmente caminham juntas) certamente não de afetar os filhos. Eu digo com frequência a pais culpados (será que existe algum outro tipo?) que a melhor coisa que podem fazer por seus filhos é realizarem-se pessoalmente. Por quê? Porque a consciência é contagiosa, sobretudo entre pessoas muito ligadas, como pais e filhos.

Sugestão, conselho, coerção — nada disso nos permitirá influenciar nossos filhos tanto quanto o exemplo de nossas vidas. O que influencia os outros, particularmente os nossos íntimos, no nível mais profundo, é o que nós somos, e não tanto o que fazemos. Parafraseando novamente Emerson: "O que você é fala tão alto que não posso ouvir o que você diz."

## A parábola do filho pródigo

O que você faz com a sua vida conta. Afeta a geração presente, a geração passada e as gerações futuras. Afeta também a Deus. Neste contexto, é relevante a parábola de Jesus sobre o filho pródigo.

Um homem tinha dois filhos. Um deles era responsável, permaneceu em casa e trabalhou com o pai. O outro deixou a casa paterna, dilapidou sua herança em orgias e terminou ficando sem lar e na miséria. No devido tempo, ele voltou para o pai e pediu trabalho, visto estar agora mais pobre e mais desesperado que o mais ínfimo dos servos de seu pai. Este ficou tão alegre pela volta do filho que preparou um grande banquete em sua honra, acolhendo-o com presentes de esplêndidos trajes e jóias.